

Ver ou fazer com que nos vejam, compreender ou fazer com que nos compreendam, este é o círculo a que está predestinada a humanidade; ser ator ou espectador, essa é a condição da vida humana.

— Charles Garnier, *Le théâtre*

O drama mais antigo, o drama que rege o mundo, é o drama do encontro de Deus com o homem.

— Gerardus van der Leeuw, *Sacred and profane beauty*

Atos dos Apóstolos tinha como objetivo transmitir o nome de Cristo Jesus e propagar seu evangelho pelo mundo todo. Amados, sois também atores neste mesmo palco. As partes mais remotas da terra são vosso cenário. Representai os atos dos apóstolos.

— John Donne, sermão sobre Atos 1.8 proferido na Companhia da Virgínia (30 de novembro de 1622)

Prefácio

A igreja só existe para atrair os homens a Cristo, para fazer deles pequenos Cristos. E, se isso não acontece, todas as catedrais, o clero, as missões, os sermões e a própria Bíblia não passam de uma perda de tempo.

— C. S. Lewis, *Cristianismo puro e simples*

Os “Grandes”, no contexto da Universidade de Oxford, refere-se ao programa de estudos de quatro anos dos clássicos gregos e latinos que se acham na base das humanidades: língua, literatura, história e filosofia. C. S. Lewis estudou os “Grandes” durante o tempo em que passou em Oxford e dedicou muitos anos felizes à leitura das fontes primárias. O programa ainda existe, embora em 2004 a universidade tenha modificado o currículo para agregar a ele textos modernos fora do antigo cânon. O que se aprende estudando os “Grandes”? Ouvimos a resposta tradicional: as humanidades nos ensinam como ser plenamente humanos. O site do Departamento de Clássicos de Oxford antecipa a objeção do cético — o conhecimento do mundo clássico não resulta em nenhum posto de trabalho óbvio — e tenta derrotá-la: “Em nosso mundo de rápidas mudanças sociais e tecnológicas, é a capacidade de reagir ao novo e aos eventos imprevistos com flexibilidade que os empregadores mais valorizam”.¹ Ao que tudo indica, estudar os “Grandes” é um bom treinamento para improvisadores, ao que retornaremos no devido momento.²

A igreja também tem um currículo de “Grandes” cujo objetivo é compreender não apenas a humanidade, mas também a divindade, uma linha de estudos que segundo a síntese proposta por Calvino diz respeito ao “conhecimento

¹Citação em inglês disponível em: <http://www.classics.ox.ac.uk/admissions/undergraduate/careers.html>.

²Veja o cap. 7 adiante.

de Deus e de nós mesmos”.³ No contexto da igreja, os “Grandes” se referem à educação não apenas do intelecto, mas também do coração, conforme o sabia muito bem Agostinho. Ele usa o solilóquio, um recurso teatral por meio do qual uma personagem compartilha seus pensamentos com o público, declarando-os para si mesmo em voz alta na luta que travava com algumas questões fundamentais depois da sua conversão: Quais devem ser as aspirações espirituais e intelectuais de um discípulo? Quais são marcas do discipulado genuíno? No decorrer do solilóquio, ele compreende que seu grande desejo é apenas conhecer “Deus e a alma” e amá-los.⁴ Agostinho e Anselmo estruturam o desafio do discipulado, bem como o propósito da teologia, com sua célebre frase: “a fé em busca de entendimento”.

Consideremos estes três “Grandes”, cada um deles parte do currículo do discípulo: o Grande Mandamento (“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de todas as forças. [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo” [Mc 12.30,31]), a Grande Comissão (“Ide, fazei discípulos de todas as nações” [Mt 28.19]) e o que podemos chamar de a Grande Concepção (“Portanto, tu és grandioso, ó SENHOR Deus, pois não há ninguém semelhante a ti” [2Sm 7.22]). A Grande Concepção alude ao célebre argumento de Anselmo para a existência de Deus a partir do conceito do Ser Perfeito: um ser “acerca do qual nada maior pode ser concebido” deve necessariamente existir, disse ele.⁵ Minha variação do que diz Anselmo consiste em relacionar a grandeza de Deus ao evangelho. O evangelho (e este é um tema ao qual voltaremos com frequência) não são apenas boas-novas, mas excelentes notícias: é o testemunho do grande ato salvífico de Deus em Jesus Cristo, um *fazer* “acerca do qual nada maior pode ser concebido”.

Fazer é o termo-chave, porque o ser de Deus “acerca do qual nada maior pode ser concebido” é amor, e o amor é ativo: uma autocomunicação incessante, o compartilhamento de tudo o que alguém é e tem.⁶ A própria palavra de Deus é “viva e eficaz” (Hb 4.12). O Grande Mandamento, portanto, decorre da natureza de Deus, o que estou chamando aqui de Grande Concepção. Observe que é só depois de Jesus dizer alguma coisa sobre a natureza de Deus (“O Senhor nosso Deus é o único Senhor” [Mc 12.29]) que ele formula o Grande Mandamento.

³João Calvino, *As institutas da religião cristã*, 1.1.

⁴Agostinho, *Solilóquios* 1.7

⁵O argumento ontológico de Anselmo encontra-se no *Proslogion* 2 (c. 1077-1078).

⁶Veja meu *Remythologizing theology: divine action, passion, and authorship* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010), esp. caps. 4 e 9.

O imperativo (amar a Deus sobre todas as coisas) decorre do indicativo (Deus *está* acima de todas as coisas e, portanto, é o que devemos ter de mais precioso).

No Evangelho de Marcos, o escriba que fez a pergunta sobre o maior dos mandamentos parece compreender e ratificar a resposta de Jesus, reconhecendo que Deus “é único e não há outro além dele” (Mc 12.32), e que o mandamento de amar a Deus e ao próximo é mais importante do que ofertas queimadas e sacrifícios, armadilhas da religião (Mc 12.33). Jesus elogia até certo ponto a resposta do escriba: “Não estás longe do reino de Deus” (Mc 12.34). Não estar longe, entretanto, não é perto o bastante. Uma coisa é conhecer o Grande Mandamento, outra coisa é praticá-lo, conforme lemos na versão de Lucas, em que Jesus responde a seu questionador: “Respondeste bem; faze isso, e viverás” (Lc 10.28). O conhecimento de Deus é incompleto sem a prática da santidade.

Ao ensinar os discípulos, como quem educa os filhos, queremos a todo custo evitar ter de dizer: “Faça o que lhe digo, mas não o que faço”. Conforme veremos, tanto filhos quanto discípulos, com frequência, aprendem a partir do exemplo. Sabemos de onde vêm os bebês e (mais ou menos) como educar os filhos; mas como fazemos discípulos, filhos maduros que obedeçam a Deus? A Grande Comissão de Jesus continua tão urgente quanto sempre foi, mesmo que muitas igrejas trabalhem apenas com uma versão tragicamente abreviada dela, batizando os cristãos no nome trino, mas *deixando* de lhes ensinar a obedecer a tudo o que Jesus ordenou.⁷ Algumas traduções da Grande Comissão, sem querer, nos dão uma brecha, permitindo-nos escapar de nossas responsabilidades com a palavra de Deus por obra de um detalhe técnico. A rigor, muitos de nós, como o escriba, *observamos* e até admiramos Jesus e seus mandamentos; no entanto, nós o contemplamos a uma distância segura do mesmo modo como observamos outras curiosidades: comportamentos estranhos, esquisitices culturais, números de circo. Esse não é o tipo de observação que Jesus tinha em mente. *Observamos* seus mandamentos ao agir em conformidade com ele, e não tomando notas mentais.

Fazer discípulos é ensinar as pessoas a manter a fé. Conservamos a fé seguindo as palavras de Jesus, e não meramente conhecendo o conteúdo da fé. Quando o apóstolo diz já perto do fim de sua vida que ele não apenas “[combateu] o bom combate”, mas que também “[guardou] a fé” (2Tm 4.7), ele quer

⁷Dallas Willard refere-se à incapacidade da igreja de fazer discípulos e de ensiná-los como a “Grande Omissão”, em *The great omission: rediscovering Jesus’ essential teachings on discipleship* (San Francisco: HarperCollins, 2006) [edição em português: *A grande omissão: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo*, tradução de Susana Klassen (São Paulo: Mundo Cristão, 2008)].

dizer com isso que preservou as “sãs palavras” do evangelho impedindo que se contaminassem pela infecção gangrenada das “conversas vãs e profanas” (2Tm 2.16,17). Tal é a responsabilidade da igreja atualmente, daqueles a quem cabe ler, ouvir e guardar as palavras escritas da revelação de Jesus Cristo (Ap 1.1-3). Os que guardam as palavras de Jesus e sobre Jesus serão abençoados e serão uma bênção para os outros.

Atualmente, as igrejas talvez não tenham grande estima pela doutrina, contudo a igreja, a exemplo da televisão, é bastante educativa; a questão é: o que ela está ensinando? De modo especial, que normas, valores e crenças ela está transmitindo através do seu currículo oculto, do seu jeito cotidiano de fazer as coisas? Em que esquema de crenças e práticas os frequentadores da igreja estão sendo socializados? As palavras de quem ela está seguindo? O que se aprende no currículo de Grandes cristãos são as palavras de vida eterna: palavras que dão vida, nos encaminham para o amor e, quando seguidas, introduzem o reino de Deus.

Este livro fala da importância da doutrina para o discipulado. Nas palavras de Williams Ames, puritano inglês do século 17: “A teologia é a doutrina ou ensino [*doctrina*] do viver para Deus”.⁸Vivemos para Deus quando vivemos de acordo com a palavra e a vontade de Deus, e somente quando vivemos para Deus vivemos bem. A teologia é a arte e a ciência de viver bem para Deus. Em termos mais explícitos: *a teologia é a tentativa séria e prazerosa de viver de modo abençoado com outros, perante Deus, em Cristo, por meio do Espírito*. As doutrinas não são simples verdades a serem armazenadas, postas em prateleiras e empilhadas; elas são indicações e direções a serem seguidas, praticadas e encenadas. O discipulado cristão é uma prática do *fazer* a verdade, do aprender o modo de vida que está em Jesus Cristo.

Este é um livro sobre fazer igreja de acordo com seu currículo dos “Grandes” e com as doutrinas aí contidas. Trata-se de conhecer a Deus participando do que Deus fez, está fazendo e fará em Cristo por meio do Espírito. Trata-se de instruir nosso desejo espiritual por Deus e de despertar nossa mente e coração para o que está disponível ao mundo em Cristo. O currículo dos “Grandes” do discipulado instrui mentes e corações. Desejar a Deus sem a doutrina é cegueira: a doutrina sem desejo é vazia. O Grande Mandamento nos chama a amar a Deus fervorosamente com nosso coração, mente e forças (Mc 12.30). Todavia, não podemos amar corretamente a Deus sem conhecê-lo, e não podemos conhecer

⁸William Ames, *The marrow of theology* 1.1 (edição latina, 1656; reimp. da edição inglesa, Grand Rapids: Baker, 1968).

a Deus corretamente sem compreender o que ele fez em Jesus Cristo. O discipulado depende da cristologia e a cristologia remete à capacidade de conhecer a Jesus Cristo e de mostrar quem é ele hoje para nós.

Encenando o drama da doutrina propõe uma visão abrangente do que é a igreja e o que ela deve estar fazendo; este livro sustenta que a doutrina cristã é vital para o “fazer igreja”. Discuto a missão da igreja sob a perspectiva do teatro, enfatizando tanto o local em que a igreja encena sua fé quanto a doutrina que dirige sua encenação. Alguém poderá questionar o bom senso de um modelo voltado para a encenação. Os líderes se sentem tentados a melhorar a encenação de suas igrejas buscando em outros segmentos da cultura modelos de empreendimentos bem-sucedidos. O sucesso costuma ser medido segundo o crescimento observável: valores “economizados”, capital levantado, programas oferecidos. O frequentador de igreja se sente tentado a relaxar e a deixar que a liderança faça o que precisa ser feito.

Este livro oferece um conjunto de critérios diferentes para a determinação do que seja o “sucesso” na encenação e no discipulado. O modelo de teatro a ser desenvolvido nestas páginas tem o mérito de pôr em destaque os perigos associados à mentalidade de encenação: não queremos ir *lá* e fazer *aquilo*. Sobretudo, não queremos cometer o erro de pensar que só os que pertencem ao clero “fazem igreja”, ou que o crescimento no discipulado é uma questão do que fazemos (isto é, de obras meritórias). Fazer igreja é mais uma questão de participação na atividade prévia do Deus trino e uno. A igreja é, em última análise, uma produção trina e una, um teatro do evangelho em que começamos a ver como Deus, em Cristo, está “reconciliando consigo mesmo o mundo” (2Co 5.19). A teologia é a tentativa de *explicitar* e de *vivenciar* esse conhecimento do Deus que procura a reconciliação.

A doutrina é uma ajuda indispensável ao projeto da igreja de viver junto em comunhão e contribuindo com a justiça e o *shalom* no mundo todo. O modelo dramático aqui apresentado concebe a doutrina como um ingrediente vital para o treinamento em humanidade e também em piedade (1Tm 4.7,8). A teologia não é meramente teórica, uma questão de informação e de intelecto, mas também dramática, uma questão de formação, transformação e de encenação de “hábitos do coração” que levam à ação (por exemplo, obras de amor).

Alguns leitores talvez queiram saber de que modo este livro se relaciona com minha obra anterior, *O drama da doutrina*⁹. Naquele livro, a intenção era contri-

⁹Tradução de Daniel Oliveira (São Paulo: Vida Nova, 2016).

buir com as discussões acadêmicas sobre a natureza da doutrina e da teologia. Seu público era, sobretudo, de teólogos profissionais e de alunos de teologia do curso superior. Somente perto do fim do livro (quarta parte, “A encenação”) foi que comecei a explicitar a importância prática da minha proposta, uma teoria “diretiva” da doutrina para cristãos como indivíduos e como igreja.

Tendo em vista seu volume, densidade e ambição (e, em particular, a capa laranja chamativa da edição em inglês), apelidei-o “O Grande Abóbora”. Já o presente livro, por sua vez, foi escrito para o cristão comum, estudantes sérios de teologia e pastores. É um tubérculo para pessoas comuns; não é o Grande Abóbora, e sim um vegetal menor. Trata-se de uma resposta tardia aos muitos pedidos que recebi no decorrer dos anos para que meu trabalho fosse mais digerível, mais breve e de benefícios mais práticos (se conseguir atender a dois dos três pedidos feitos, não terá sido tão ruim). A presente obra não é, entretanto, mera abreviação. Trata-se de um irmão ambicioso, empertigado a seu modo, isto é, uma proposta amadurecida para o papel da teologia na tarefa da igreja de fazer discípulos.

Meu pensamento continuou a evoluir nos doze anos desde que comecei a pensar sobre teologia sob a ótica do teatro.¹⁰ Nesse ínterim, coloquei meu espetáculo em cartaz. Agradeço as oportunidades de ensino e diálogo com meus alunos das seguintes instituições: Wycliffe College (Toronto), Trinity Evangelical Divinity School, Covenant College, Covenant Theological Seminary, Southeastern Baptist Theological Seminary e o Center for Christian Study de Charlottesville, na Virgínia. Tive também o privilégio de ministrar oficinas para o corpo de docentes da Westmont College, Biola University, Wheaton College e várias faculdades associadas ao Erasmus Institute de Amherst, Massachusetts. Agradeço também aos que apresentaram monografias em que interagem com *O drama da doutrina*, no grupo de Teologia Evangélica, por ocasião do encontro anual da Academia Americana de Religião em 2006.

Com o passar dos anos, pude testemunhar o poder interdisciplinar do modelo teatral. Em 2007, dei uma palestra sobre “Teologia e improvisação” no encontro anual de Improvisadores Musicais da Northwestern University. Mais surpreendente ainda foi o convite de Eric Johnson, em 2008, para que eu proferisse a palestra principal no encontro anual da Sociedade de Psicologia Cristã, “Forming the performers: how Christians can use canon sense to bring us to our (theodramatic) senses” [Formando intérpretes: como os cristãos

¹⁰A primeira tentativa foi “The voice and the actor: a dramatic proposal about the ministry and minstrelsy of theology”, in: John G. Stackhouse, org., *Evangelical futures: a conversation on theological method* (Grand Rapids: Baker Books, 2000), p. 61-106.

podem usar o senso canônico para nos despertar um senso (teodramático)]. Essa monografia foi, posteriormente, publicada na revista *Edification: The Transdisciplinary Journal of Christian Psychology*, juntamente com as respostas de oito psicólogos cristãos.¹¹

Nos últimos anos foram publicadas também várias resenhas sobre *O drama da doutrina*, algumas delas fundamentais. Esta não é a hora nem este é o lugar para queixas sobre comentários injustos ou para dirimir rancores. Nem sempre mencionarei meus críticos nas páginas que se seguem, mas isso não significa que eu tenha desprezado as questões por eles suscitadas. Embora estejam presentes nos bastidores, fora do palco, aprendi com eles e me vi estimulado a refletir mais profundamente. Por isso sou grato a meus críticos, bem como a meus aliados, pessoas como Wesley Vander Lugt, cuja tese de doutorado baseia-se em *O drama da doutrina*, embora vá além dele, assim como a presente obra.¹²

No presente livro, exponho a base bíblica para que a teologia seja afastada da filosofia (pelo menos durante algum tempo) e direcionada para os estudos teatrais. Explicarei melhor as razões para isso mais adiante. Por enquanto, basta dizer que a presente obra toma como exemplo canônico o livro de Atos. A ação — de Deus, dos apóstolos, a nossa hoje — é o lema. Proponho que a teologia serve melhor à igreja ao buscar e, em seguida, demonstrar seu entendimento do que Deus disse e fez em Jesus Cristo. Este livro, portanto, situa-se em conformidade com o evangelho, a boa-nova segundo a qual o Pai estabeleceu seu reino por meio da cruz, ressurreição e ascensão de Cristo no poder do Espírito.

Por fim, esta obra jamais perde de vista o papel que a doutrina tem na edificação da igreja, tampouco o papel que a igreja tem na representação do reino de Deus assim na terra como no céu. A tese do livro é que o mundo muda mais quando a igreja permanece a mesma, isto é, fiel ao evangelho de Jesus Cristo. Desse modo, a igreja local, sua natureza e seu propósito, ganham um destaque neste livro que não está presente em *O drama da doutrina*. A igreja local é simplesmente isto: o local ou *lugar* em que o governo de Deus irrompe e assim começa a mudar o mundo por meio da vida dos discípulos que aprenderam a encenar a palavra de Deus de novas e convincentes maneiras.

Agradeço o apoio e o feedback que, durante os ensaios gerais de vários capítulos, recebi de gente como James Gordon, Ike Miller, Steve Pardue, Alex Peirce,

¹¹Veja *Edification: The Transdisciplinary Journal of Christian Psychology* 4 (2010): 5-46.

¹²Veja a versão publicada, Wesley Vander Lugt, *Living theodrama: reimagining theological ethics* (Farnham, Reino Unido: Ashgate, 2014).

Derek Rishmawy, Josh Rodriguez, Bob Ratcliff, meu editor na WJK e, sobretudo, de minhas filhas, Mary e Emma. Os membros do grupo Deerfield Dinner Discussion merecem um agradecimento por fazer do capítulo 4 objeto de um digestivo memorável. Agradeço especialmente às duas associações que constituem o Center for Pastor Theologians (antiga Society for the Advancement of Ecclesial Theology) e seus dois diretores, rev. Gerald Hiestand e o rev. dr. Todd Wilson. A visão do Centro é encorajar os pastores para que assumam novamente a tarefa de fazer teologia sadia para a igreja. Foi especialmente para esses teólogos-pastores aspirantes — pastores que são, ao mesmo tempo, doutores da igreja e diretores de companhias locais de crentes — que escrevi a presente obra, na esperança de lidar com a anemia teológica da igreja e com a amnésia eclesial na academia. Que sua tribo cresça.

Dedico este livro à minha esposa, Sylvie: por encenar todos os dias peças de mistério que envolvem a vida cotidiana no calendário litúrgico; por criar um lugar para cultivar a família, desfrutar dos amigos e acolher o estrangeiro; e por preparar o cenário para cerca de trinta anos de uma comunhão estimulante e deliciosa à mesa do jantar. Discipulado diário como devoção diária: este é também o drama da doutrina, a “Grande-za” nas coisas simples.

Introdução

“De acordo com as Escrituras”

A igreja local como “Bíblia viva”

Doutrina cristã é o que a igreja acredita, ensina e confessa enquanto ora e sofre, serve e obedece, celebra e aguarda a vinda do reino de Deus.

— Jaroslav Pelikan

EM CARTAZ: IGREJA LOCAL ENCENA A “BÍBLIA VIVA”

Este é um livro para aprender doutrina com o propósito de *externalizar* o que está *em* Cristo: Podemos chamá-lo de *drama do discipulado*. Nada no mundo é mais importante do que o seguinte projeto: viver em comunhão uns com os outros para Deus em atitudes semelhantes às de Cristo “segundo as Escrituras” (1Co 15.3). É dessa maneira que o povo de Deus vem a conhecer e a expressar seu amor por Deus: conformando sua vida — coração, alma, mente e força (Mc 12.30) — à sua vontade, na terra como no céu. A doutrina orienta a declaração de testemunho fiel, porque *comunica* entendimento. Além disso, se a ação “fala” mais alto do que as palavras, segue-se que a fé que comunica entendimento envolve os modos de comunicação verbal e não verbal: palavras e atos.

As Escrituras dão testemunho fidedigno da identidade e importância de Jesus Cristo. Os discípulos, portanto, comunicam entendimento quando falam e andam “segundo as Escrituras”. Viver de acordo com as Escrituras — ser *bíblico* — é, portanto, a diretriz primordial do discípulo. Seguir Jesus Cristo é seguir as Escrituras nos três sentidos de “seguir”: (1) compreender o significado do que Cristo diz nas Escrituras; (2) responder às suas instruções com obediência; e (3) ir após Cristo ou no “caminho” de Cristo.

Ser bíblico, portanto, não se restringe à teoria, mas é também uma questão de prática. Uma coisa é ter uma visão da autoridade bíblica, outra é compreender a palavra de Deus e formular sua verdade sistematicamente, e outra ainda consiste em não apenas afirmar a verdade, mas também praticá-la ou *corporificá-la*. Com frequência, fazer teologia de acordo com as Escrituras não inclui este último sentido. A presente proposta trabalha com uma compreensão vigorosa do que significa ser bíblico que inclui as três dimensões: tem em alta conta as Escrituras, usa as Escrituras como fonte e norma da doutrina cristã e corporifica as Escrituras em formas da vida cotidiana. Fazer teologia “segundo as Escrituras” é, em última análise, ser transformado pelo Espírito no intuito de conformar o coração, a mente e a alma à Bíblia, de tal modo que ser bíblico seja, de fato, uma questão da força do próprio *ser*.

Já se disse que a essência da história da igreja é a história da interpretação bíblica.¹ Isso é obviamente verdade em um nível, na medida em que muitos momentos decisivos na história da igreja estiveram associados a interpretações conflitantes de textos bíblicos específicos (por exemplo, na controvérsia ariana houve desacordo em torno do que significava ser o Filho “o primogênito de toda a criação” [Cl 1.15]). Também é verdade em outro nível, na medida em que a história da igreja é, sobretudo, a história de suas tentativas de interpretar as Escrituras “corporalmente”, isto é, pela forma conjunta de sua vida. A igreja é bíblica, portanto, quando procura incorporar as palavras no poder do Espírito e se tornar, assim, um comentário vivo. Desse modo, ela não é constituída apenas pelo “povo do livro”, mas é também “a interpretação (vívda) do livro”.

Os seguidores de Cristo procuram ser bíblicos em resposta à oração de Jesus: “Seja feita a tua vontade”. A vontade de Deus é expressa na palavra de Deus, e nenhuma parte das Escrituras lembra mais um roteiro a ser encenado do que a Lei. Contudo, a sabedoria bíblica também funciona como um roteiro, na medida em que pede para ser incorporada na vida do povo de Deus. De fato, há algo intrinsecamente representativo e, portanto, dramático no que diz respeito a fazer a vontade de Deus “assim na terra *como* no céu” (Mt 6.10). O *como* serve de aval para pensarmos a respeito da interpretação incorporada da igreja como encenação que busca representar o governo de Deus na terra tal como ele acontece no reino de Deus. Como, então, deve o povo de Deus representar “segundo as Escrituras”?

¹Gerhard Ebeling, “Church history is the history of the exposition of Scripture”, in: *The Word of God and tradition: historical studies interpreting the divisions of Christianity* (Philadelphia: Fortress, 1968), p. 11-32.

Em 1985, a igreja First Presbyterian Church de Libertyville, em Illinois, encenou as Escrituras em público pela primeira vez. A igreja continuou a fazê-lo durante várias noites, uma vez por ano durante vários anos. A “Bíblia Viva” tornou-se um evento anual ansiosamente esperado por toda a comunidade. A ideia básica era simples: os espectadores caminhavam em torno da igreja e observavam uma série de treze tablados em torno do salão paroquial em que eram representados momentos importantes do relato bíblico, como, por exemplo, Adão e Eva no Jardim do Éden, a arca de Noé (com bodes, cavalos etc.), a natividade, a crucificação e a ressurreição. A produção contou com mais de 600 atores e 200 voluntários nos bastidores: havia um diretor para cada cena, decoradores, atores, ajudantes de palco, aderecistas, pintores, figurinistas, sonoplastas, iluminadores etc.

As representações da Bíblia Viva ocorrem ininterruptamente durante duas horas em três noites com revezamento dos atores. Eles não têm roteiro; representam seu papel em uma pantomima silenciosa com acompanhamento musical e passagens bíblicas previamente gravadas. O ponto central era a cena que representava a santa ceia, conforme o célebre afresco de Leonardo da Vinci. Havia um grande cuidado para garantir que os penteados, os utensílios de mesa e os alimentos correspondessem ao afresco de da Vinci: “Tudo é verdadeiro, até mesmo os pães redondos sobre a mesa. A pintura tinha como objetivo captar o momento depois que Cristo disse a seus discípulos: ‘Um de vocês me trairá’. Nossos atores personificam o mais exatamente possível suas expressões de descrença”.² Os treze atores que aparecem na cena se movimentam, gesticulam e, de repente, ficam paralisados, criando uma réplica praticamente exata da postura e da expressão da pintura de da Vinci. Era um momento muito forte e, com frequência, deixava extasiados os espectadores.³

A Bíblia Viva era um meio eficaz de evangelização, de expor o modo pelo qual o enredo básico da Bíblia convergia para o evento de Jesus Cristo. Nesse sentido, foi um sucesso. Não obstante isso, este livro segue um modelo diferente de encenação das Escrituras. Estou mais preocupado com a segunda parte da Grande Comissão: fazer discípulos não no sentido de convertê-los a Cristo, e sim no sentido de cultivar neles a mente de Cristo, “ensinando-os a guardar” a

²H. Lee Murphy, em “Cast of hundreds celebrates Bible in church’s tableaux”, relata uma entrevista com o rev. James Glenn, *Chicago Tribune*, September 18, 1987, disponível em: http://articles.chicagotribune.com/1987-09-18/entertainment/8703100871_1_scenes-painting-la-grande-jatte, acesso em: fev. 2016.

³A First Presbyterian Church relançou o programa Bíblia Viva em setembro de 2012.

autoridade suprema de Cristo em todas as situações (Mt 28.20, KJV). A igreja deve ser, sim, uma Bíblia viva, mas não por meio da representação de repetições literais (cópias) de cenas bíblicas. Este é um tipo de fidelidade, é claro, que se aproxima da duplicação fotográfica. Contudo, o desafio a longo prazo para os discípulos consiste em representar o evangelho não por meio da busca literal da duplicação de cenas passadas, e sim pela busca contínua de Jesus no presente de maneiras que sejam a um só tempo fiéis e (necessariamente) criativas. É, em última análise, a diferença entre repriminção (teatro “morto”) e participação adequada (isto é, um teatro vital e vibrante).

Ser bíblico é uma forma de ser capacitada pelo Espírito que é tanto gerada quanto governada pela palavra de Deus. É uma questão de vir a conhecer a Deus através da sua palavra e de amá-lo praticando sua palavra. A teologia existe por causa da palavra de Deus, ministrando entendimento, e é este o propósito de fazer discípulos. A teologia é uma resposta à ordem de Paulo: “A palavra de Cristo habite ricamente em vós” (Cl 3.16). O restante deste livro procurará fazer jus a essa declaração. A primeira parte mostra por que o modelo inspirado no teatro oferece recursos importantes para a concepção do desafio de ser bíblico. A segunda parte analisa várias doutrinas e mostra como elas preparam os discípulos para fazer a sua parte na Bíblia viva, ou melhor, no corpo vivo de Jesus Cristo.

O PROGRAMA: SOBRE O QUE É ESTE LIVRO

Este livro usa o modelo do teatro para discutir as várias maneiras em que a doutrina modela o entendimento cristão e forma discípulos. A teologia serve à vocação da fé de comunicar e mostrar entendimento, de levar o cristianismo à vida. A presente obra tem como objetivo fazer prosperar este projeto tão importante por amor ao bem-estar da igreja. Trata-se de uma tarefa intimidadora e que envolve várias questões inter-relacionadas. Este livro, portanto, tem nove temas inter-relacionados, cada um dos quais com uma tese principal.

É sobre ser bíblico

A igreja é “o povo do livro” de um modo dinâmico, trazendo-o à vida ao entrar no drama do Cristo que as Escrituras atestam “muitas vezes e de muitas maneiras” (Hb 1.1). Aqui nos lembramos do que Hans-Georg Gadamer diz a respeito da interpretação que entra no “jogo” do texto, que “sempre implica alguma coisa como a encenação de um drama, porque o ator que leva a peça